

Maternidade Compartilhada? O cuidado de bebês de filhas adolescentes¹

Mohana Ellen B. Morais Cavalcante²-
UFPB/Paraíba

Flávia Ferreira Pires³-UFPB/Paraíba

Resumo

A antropologia vem ampliando o debate no campo da maternidade e dos fatores correlacionados a esse tema como, família, parentalidade, gestação e crianças. O objetivo desse artigo é expor como, numa gravidez e maternidade na adolescência, a figura da avó, em especial a avó materna, tem fundamental importância no cuidado dos bebês e das mães recém-paridas. As questões que serão abordadas neste artigo de forma pontual, focam na relação de cuidado entre avós e bebês, perpassando pela relação entre avós e mães frente à vivência da gravidez e maternidade. Além disso, o presente trabalho coloca em cheque a relação complementar entre mãe e avó referente à criação/cuidados/maternidade com o bebê recém-chegado. Foi possível perceber como as avós maternas tem um papel assíduo na criação dos netos, elas estão presentes na vida desses sujeitos desde a gestação até para além do nascimento, o que condiciona novos arranjos de parentalidade. Fizemos uso de uma metodologia qualitativa e de cunho etnográfico, que pretende trazer as vivências e falas dos sujeitos participantes da pesquisa como principal caminho de reflexão teórica. O presente trabalho traz recortes dos resultados apresentados e discutidos na dissertação de mestrado defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba (Cavalcante, 2018).

Palavras-chaves: Maternidade. Avós. Cuidado.

Abstract

Anthropology has expanding the debate in the field of motherhood and related factors such as family, parenting, gestation and children. The purpose of this article is to explain how, in a teenage pregnancy and maternity, the figure of the grandmother, especially the maternal grandmother, is of fundamental importance in the care of babies and new mothers. The issues that will be approached in this article in a timely manner, focus on the relationship of care between grandparents and babies, permeating the relationship between grandparents and mothers facing the experience of pregnancy and motherhood. In addition, the present paper puts into check the complementary relationship between mother and grandmother regarding the creation / care / maternity with the newborn baby. It was possible to see how maternal grandmothers play a role in the creation of grandchildren, they are present in the life of these subjects from gestation until beyond the birth, which conditions new arrangements of parenting. We used a qualitative and ethnographic methodology, which intends to bring the experiences and speeches of the subjects participating in the research as the main way of theoretical

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Mestre e doutoranda / UFPB – PPGS.

³ Doutora em Antropologia Social, Professora / UFPB – PPGS.

reflection. The present paper brings out the results presented and discussed in the master's thesis defended in 2018 in the Postgraduate Program in Sociology at the Federal University of Paraíba (Cavalcante, 2018).

Keywords: Maternity. Grandparents. Caution.

1. Introdução

Neste artigo iremos refletir sobre o papel das avós, nos cuidados com os netos, analisando dezesseis famílias, as quais apresentam uma presença assídua da avó, principalmente da avó materna, na criação e cuidados com os netos. Desse modo, usamos parte dos resultados apresentados e discutidos na dissertação de mestrado defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba (Cavalcante, 2018). A dissertação propôs discutir a relação mãe-avó-bebê frente a uma gravidez considerada precoce, perpassando assuntos como trajetória familiar, gravidez na infância e adolescência, paternidade, agência da criança e geração.

Neste reencontro com o tema, conduziremos uma discussão sobre os atores sociais envolvidos na rede de apoio de mães jovens. Acreditamos ser importante ressaltar que cada uma dessas dezesseis famílias carregam suas experiências únicas e que ao falarmos de cuidado, estamos nos referindo a perspectivas particulares diversas. Para fins de pesquisa, entendemos cuidador como o que zela e é responsável por encargos financeiros, sociais e afetivos do sujeito cuidado.

Durante o trabalho de pesquisa convidamos as mães jovens a falarem sobre si, sobre seus bebês e como acham que são percebidas pela sociedade. Para Otálora, Martínez e Lomelli (1997), a maternidade está condicionada a diversas interpretações teóricas e maneiras de vivencia-la, sendo assim, cada mulher têm uma vivência única da maternidade. Assim, para entendermos a relação dessas jovens com suas mães, avós dos bebês, precisamos considerar a trajetória social de ambas, de acordo com Bourdieu (2009, p.7):

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, (...) O ponto da trajetória, que um corte sincrônico apreende, contém sempre, o sentido do trajeto social. (BOURDIEU, 2009, p. 7).

No entanto, as dezesseis famílias apresentadas neste trabalho possuem um perfil semelhante, são, em sua maioria, famílias numerosas, sem acesso a bens culturais e de

consumo, com nível educacional dividido entre ensino fundamental e médio incompletos. As mães desses bebês encontram-se na fase da adolescência, elas tinham em média, no período da realização da pesquisa, entre 14 e 18 anos, moradoras de cinco estados do Brasil. Assim, os relatos que apresentamos aqui foram feitos por essas jovens mães, sobre como elas viam e traduziam a relação e participação de suas mães na vida de seus filhos e como esta relação de parentesco acabava interferindo na convivência delas com suas mães e bebês.

Objetivamos compreender também a relação de cuidado entre avó e netos, mães e filhas. Observamos que os cuidados e zelo das avós com relação aos netos torna-se uma extensão dos cuidados dessas avós com suas próprias filhas, portanto, o cuidar do neto é, ao mesmo tempo, cuidar da filha. Por fim, procuramos discutir sobre como as avós e os membros da família acreditam em possíveis limitações e incapacidades de cuidarem dos seus bebês, o que corrobora para uma transferência de cuidados.

Em contraponto a essa tendência estereotipada, acreditamos que as crianças e os adolescentes são sujeitos ativos na construção da sua própria vida e da vida em sociedade, possuem agência; ao passo que, a ideologia da proteção acaba por tirar delas a sua capacidade de serem sujeitos, de assumirem responsabilidades no mundo público. Conforme afirma Pires (2008, p. 141) “As crianças são parte da sociedade e, quando digo isso, não retiro a agência infantil; pelo contrário, afirmo-a” e continua seu argumento apontando que “A agência, me parece, é uma condição do indivíduo em sociedade, não importa que categoria de indivíduo”.

No início da pesquisa de campo, a investigação sobre a relação desses bebês com as avós não havia sido cogitada, a presença das avós e o direcionamento do nosso olhar para essa relação deu-se a partir das declarações das jovens mães. A família, em especial a avó materna surgiu, durante a pesquisa de campo, como um elemento importante na criação e cuidados com esses bebês. Quando conversávamos sobre cuidado, sobre vivência em família, apoio e futuro, as jovens mães citavam suas próprias mães como principal fonte de apoio, como “pessoa mais responsável”, como alguém que “sabe criar melhor”, que vai ensiná-las.

É fato que outros atores sociais auxiliam essa mãe jovem⁴, tanto nos cuidados com recém-nascido como em sua vida social, é o caso de tias, primas, irmãs, pai e avô. Frente a isso constatamos que, contar com o apoio do núcleo familiar, em especial da

⁴ Usamos o termo Mãe Jovem para nós referirmos as mães menores de idade participantes dessa pesquisa, todas na faixa etária dos 14 aos 17 anos, as quais intitulam suas gravidezes como precoces.

mãe, era de fundamental importância para essas jovens mães, pois, segundo seus relatos, o auxílio da mãe foi algo primordial durante a gestação. Exemplo disso são as falas de Lírio⁵, que se dizia muito julgada por ter engravidado na adolescência, julgada por seus parentes e conhecidos, dizia que era difícil conviver com essas pessoas, mas considerava que ter tido o apoio da mãe ajudou a enfrentar os comentários maldosos.

Concluímos que essas avós, ao cuidarem dos bebês, assumindo as responsabilidades sociais, entendiam estar contribuindo para que suas filhas dessem continuidade a adolescência e a formação, social e educacional. Para Corsaro (2005, p.18), “é comum que os adultos vejam as crianças de forma prospectiva, isto é, em uma perspectiva do que se tornarão, futuros adultos, com um lugar na ordem social e as contribuições que a ela darão”. Desse modo, a gravidez e maternidade precoce são vistas como algo negativo. Entende-se que, para o meio onde as mães dessa pesquisa estão inseridas, a gravidez e maternidade considerada precoce é um problema social e “traça a sina”⁶ de uma vida de dificuldades e contratempos para a mãe jovem. Assim, muitas dessas avós ao compartilhar desse cuidado acreditam estar amenizando as “dificuldades” que uma gravidez precoce pode ter trazido à filha.

Isto posto, as discussões apresentadas nesse artigo versam sobre a situação de mães jovens adolescentes, apresenta apontamentos sobre os relatos dessas jovens sobre a participação das avós maternas no cuidado e criação dos bebês, mesmo antes do nascimento destes. O texto está subdividido em cinco partes, na primeira parte trouxemos uma breve introdução sobre o que abordamos e objetivamos apresentar no decorrer do artigo, na segunda parte esboçamos considerações acerca do contexto de desenvolvimento da pesquisa, do seu caráter ético e da metodologia que foi utilizada, tópicos estes que consideramos imprescindíveis para o entendimento do leitor. No tópico terceiro os argumentos versam sobre a família dessas jovens mães, o convívio e contexto familiar, tais colocações se fazem necessárias para que o leitor possa compreender a trajetória social e a situação familiar dessas jovens. Seguindo para o quarto tópico discutimos a participação das avós na vida e nos cuidados com os netos, abordamos questões que perpassam a situações de apoio, colaboração e conflito. No quinto e último tópico, apresentamos nossas considerações, procuramos estabelecer uma ligação entre todas as questões aqui discutidas, no intuito de problematizar futuras discussões sobre a relação entre netos e avós.

⁵ Por motivos éticos, preservarei o nome das jovens mães, substituído por nomes fictícios.

⁶ Termo do senso comum que significa dizer que algo já estava traçado, que é do destino, fadado.

2. Contexto de Pesquisa, Metodologia, Sujeitos da pesquisa e Ética.

Os dados apresentados aqui foram colhidos ao longo de um ano e meio, entre os anos de 2016 e 2017. Para a elaboração da dissertação, a temática foi se moldando. O nosso campo de pesquisa foram espaços virtuais e não virtuais, tivemos conversas presenciais e via redes sociais, bem como realizamos uma observação participante dentro de grupos nas redes sociais Facebook e Whatsapp, onde essas jovens mães se reuniam. Essa participação nos grupos virtuais se estendeu por todo período de elaboração da dissertação.

Ao todo foram três campos de interação com as mães jovens, além dos espaços em rede, tivemos encontros presenciais com algumas delas, estes foram divididos entre visitas e encontros nas calçadas da cidade de Mari (PB)⁷. Todos esses campos contribuíram de forma particular para chegarmos aos resultados que apresentamos aqui, por exemplo, as redes sociais viabilizaram um acompanhamento prolongado das mães e de suas gestações, possibilitaram que reuníssemos todas elas e que elas conversassem entre si. Por outro lado, os encontros presenciais contribuíram para vermos e conhecermos as famílias, a comunidade e onde viviam e, sobretudo, o trato das avós com as filhas e os netos.

O perfil socioeconômico delas não difere muito dos demonstrados nas pesquisas⁸ estatísticas brasileiras, são mães jovens vindas de famílias matrilocais, pobres, casadas ainda na infância, com renda familiar girando em torno de um salário mínimo, beneficiárias de programas assistencialistas do governo brasileiro, como o Bolsa Família. Nenhuma das mães jovens chegou a concluir o ensino médio ou estava frequentando a escola no período que realizamos a pesquisa, elas também não possuem emprego, assim como a maior parte dos genitores desses bebês.

Essas famílias se dividem em três modelos de composição familiar. São compostas em média por seis (6) integrantes ao todo, a menina, seu filho e companheiro, constituem um novo núcleo dentro do já existente. Entre elas existem algumas que comportam até quatro gerações diferentes, as bisavós, os avós, os filhos e os recém-chegados netos/ bisnetos. De acordo com Scott e Franch (2004) é comum que

⁷ Cidade localizada no interior da Paraíba, na qual residem duas das participantes dessa pesquisa.

⁸ Como por exemplo, a pesquisa “Ela vai no meu barco: Casamento na Infância e Adolescência no Brasil” realizada pela ONG Promundo.

as famílias compartilhem a mesma residência, tratando-se de um padrão conhecido em todo o Brasil.

Quatro, das dezesseis famílias, residem num grupo de seis pessoas, entre elas está à família de Zuzu. Em quase todos os casos aqui acompanhados, a maternidade na infância/adolescência não é um fato novo dentro da família. Zuzu compartilha a vivência da maternidade precoce com sua mãe e sua avó, ambas vivenciaram uma gestação antes dos 17 anos. Com esse caso observar que existe uma repetição de trajetórias. Zuzu compartilha com a mãe e avó os dramas vividos a partir da gravidez precoce.

Os vários arranjos familiares formados por essas mães jovens, na maioria das vezes, deram-se de forma espontânea e sem planejamento. Constatamos que não há entre elas um modelo efetivo de família nuclear, dessa forma, compartilhamos da afirmativa apresentada por Fonseca (2002) de que o modelo de família nuclear que vem sendo cada vez mais desconstituídas, novas famílias começam a ser formadas com novas configurações familiares.

Frente à emergência na pesquisa empírica, nos preocupamos com questões éticas no decorrer do trabalho. Realizar uma pesquisa com mães crianças e adolescentes requer uma série de cuidados, precisa-se atentar tanto para faixa etária que se encontram, quanto à forma como se aborda o assunto a que se pretende estudar. Coadunado a isso está à responsabilidade de não prejudicar ou colocar em posição de desconforto as informantes.

Segundo Garcia (2011), a ética está ligada ao caráter, ela expressa o comportamento justo e a atitude correta nas interações humanas. Segundo a autora, “a ética realiza o papel de consciência de uma sociedade [...]. Apesar das particularidades, busca atingir um elemento universal acima do relativismo cultural, por esse motivo a ética é entendida como um elemento supracultural” (GARCIA, 2011, p.26).

Contudo, as discussões sobre ética nas pesquisas humanas e sociais muitas vezes acabam sendo balizadas pelas Ciências Biomédicas. Há uma incoerência para alguns modelos de pesquisa, o que corrobora para deixar algumas lacunas sobre procedimentos éticos em muitas pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, como a Sociologia e a Antropologia, pois a matriz foi construída para atender demandas biomédicas (DINIZ, 2008).

Logo, o nosso preceito ético norteador foi o respeito ao sujeito de pesquisa e a neutralidade axiológica, buscamos entender o perfil das mães jovens para assim construir um caminho viável para a pesquisa. Consideramos as instruções de Paul Thompson (2002, p. 254) sobre o posicionamento em relação aos informantes da pesquisa, procuramos manter “[...] interesse e respeito pelos outros, como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar”, portanto, nos mantivemos atentos aos sujeitos da pesquisa, para que esses não se sentissem julgadas ou recriminadas, mas sim ouvidos e participantes ativos da mesma.

Considerando que o contexto da nossa pesquisa abarca não apenas o universo da avó e da criança, mas sim toda a rede familiar desses sujeitos, em nosso tópico seguinte discutiremos a situação familiar desses sujeitos e a importância da instituição familiar, independente de sua configuração, para a relação de cuidado para com mães jovens e seus bebês.

3. Avó/Avô, mãe/pai, tia, prima, irmã: A participação familiar na/e gravidez na adolescência.

Durante o trabalho de pesquisa, a presença e a participação familiar e social na/durante a gravidez dessas mães jovens, foi se tornando algo que necessitava de investigação. Entendemos que a partir do esclarecimento dos arranjos existentes no espaço de socialização familiar no qual essas jovens mães estão inseridas, seja possível compreender as implicações do mesmo para o processo gestacional e maternagem⁹. O contexto familiar é um elemento chave para a construção do entendimento sobre a relação dessas mães jovens com suas mães e de suas mães com os netos.

Com relação ao espaço doméstico, boa parte dessas jovens moram próximas/com outros familiares, como tios e primos, o que torna o convívio intenso. Apenas uma delas mora junto do marido e pai do bebê, embora ainda dependa economicamente dos pais, tal qual o marido. A proximidade física delas com os demais membros da família acaba propiciando situações que corroboram para a divisão dos cuidados com o bebê, contudo, essa aproximação às vezes é algo negativo, pois essa

⁹ Maternagem é o termo usado para definir a relação de criação que envolve o bebê e a mãe, num contato mais aproximado, envolvendo toque, ninar, pele a pele. Veja O livro da maternagem de Thelma B. Oliveira.

proximidade apresenta-se como um dos fatores associados ao surgimento de conflitos entre mães e filhas, mães e demais parentes, como veremos mais adiante.

Quando as questionamos sobre a importância e quem era essa família que compunha a rede de auxílio, as jovens apontaram não só a família nuclear como contemplaram tias, avós e primas como família, ressaltando a proximidade entre eles. Esse fato nos leva a repensarmos a instituição familiar, agora ela não é apenas nuclear, como vinha sendo compreendida, precisamos considerar a multiplicidade de formas e arranjos que ela vem adquirindo com o passar das gerações, e que família muitas vezes também ultrapassa as fronteiras de ligação sanguínea.

Ao conversar com as jovens mães, percebemos que as responsabilidades sobre o bebê e, até mesmo, sobre a gravidez era compartilhada com outras pessoas, ao falarmos de cuidados sempre aparecia um sujeito novo, tia/prima/vizinha/irmã, embora a avó estivesse sempre presente. Muitas das mães jovens já tinham feito parte de uma rede de apoio gestacional, haviam cuidado do filho de alguma prima, filho de alguma vizinha, dos próprios irmãos pequenos, assim, imaginavam contar com uma rede de colaboração também.

Ainda sobre os atores sociais presentes nessa rede de auxílio, têm a presença do pai, apenas algumas dessas jovens mães podem contar com a presença paterna. Neste caso, a significação de apoio/cuidado é bastante variada, pois elas usam critérios diferentes para considerar a participação efetiva do pai na vida do bebê. Contudo, percebeu-se que alguns critérios são mais claros para elas considerarem essa participação como: prover financeiramente, manter um relacionamento afetivo com a mãe e dividir o mesmo espaço doméstico.

Para Eizirik (2001, p.43), a “parentalidade¹⁰ decorre de motivações humanas de ordem biológica instintiva, sofrendo influências de ordem social e cultural”. As relações familiares estão no núcleo de um processo de mudança social, o convívio familiar veste-se de novas roupagens e as diferenças geracionais podem tornam-se mais evidentes, inclusive na criação e no cuidar.

Na trajetória de vida, a instituição familiar configura-se como o primeiro- e talvez o principal- ambiente de socialização para os bebês e a criança, apesar da multiplicidade de espaços de formação, a família ocupa um papel de destaque na

¹⁰Sequência de mudanças e transições, de cunho social e psicológico, pelo qual o homem e a mulher – adultos de referência –, passam ao tornarem-se mães e pais, ao exercerem um papel que assegura a sobrevivência e o desenvolvimento pleno da criança.

formação social e intelectual dos sujeitos. Para Dubeux (1998), é no seio familiar que se adquirem valores que são transmitidos entre gerações e entre grupos, é na família que o indivíduo começa seu vínculo com o mundo externo. É nesse espaço familiar que a mãe jovem, na vivência com sua mãe, obteve as primeiras referências sobre o que é ser mãe e sobre o cuidado com os filhos.

Concordamos com a afirmação de Reis (1989, p.98) quando a autora explana que “é na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e nos situarmos nele”. Para a autora, a família é a nossa primeira identidade social; vivendo em um mesmo espaço e compartilhando as experiências, dentro do ambiente familiar, é comum que cada membro do grupo participa de forma efetiva da vida do outro, fato que se intensifica nas relações entre avô e neto/a, avô e mãe, marido e mulher, enfim, na multiplicidade de ligações afetivas e sociais que possam se formar.

Síncrono a isto, está o fato de que o prolongamento da convivência familiar após o nascimento do bebê modifica a relação familiar, a filha agora também é mãe, assim, alterando a dinâmica da casa. Nossa pesquisa registrou que, a partir da gestação, há mudança na forma como essa filha passa a ser vista, e essa mudança de status acaba gerando conflitos entre elas e suas mães, avós dos bebês. De acordo com Scott, Quadros e Longhi (2002), o engravidar aparece como um fator delimitador, o qual determina uma mudança de status que mais uma vez ressalta o pouco diálogo entre mães e filhas. De acordo com o que enfatiza Heilborn (1998), existe uma alteração do status da menina a partir da gravidez.

A gravidez adolescente, quando levada a termo, pode estar significando um projeto de negociação, bem sucedido ou não, que permitiria realizar a transição para um outro status, seja conjugal, seja o de maioridade social. Esta hipótese contempla a ideia de uma possível aquisição de autonomia pessoal no domicílio parental ou novos arranjos residenciais. (HEILBORN, 1998, p. 9).

Apesar das jovens mães encontrarem apoio na família durante a gestação e maternidade, a gravidez condiciona-os a conviver com situações novas e os conflitos fazem parte desse processo. Por exemplo, a gravidez pode gerar conflitos de ordem financeira, conflitos com o genitor do bebê, problemas com relação ao apoio familiar e outras implicações de ordem diversas e desavenças entre elas e as mães, como veremos mais a frente. Logo, trata-se de um momento delicado para as jovens mães e para os familiares, pois isto envolve muitas prerrogativas com as quais não tinham que lidar antes.

Contudo, a família foi apresentada por elas como um núcleo fundamental na vivência da maternidade, fornecendo apoio e cuidado para a mãe jovem. De acordo com Fonseca (2005, p. 52), os laços familiares são importantes e marcados “[...] pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos.”

Como falamos anteriormente, muitas dessas avós viveram a maternidade na adolescência, nesses casos, ao contar com o apoio e a ajuda de suas mães – agora avós –, as mães jovens contam com o auxílio de alguém que conhece a experiência da gravidez na infância/adolescência de perto. A situação da gravidez considerada precoce, muitas vezes, não é algo novo na família, além da mãe, essas mães jovens viram tias, primas e colegas passarem pela mesma situação.

Como mulheres pobres, mães e filhas, conhecem também as dificuldades de uma vida de privações. São mães jovens e mulheres carentes em muitos sentidos: sem acesso ao sistema de ensino de qualidade, sem acesso a bens de consumo, com uma alimentação precária, sem acesso à cultura e artes e lazer, sistema sanitário urbano, etc. Paralelamente, foi constatada durante a pesquisa, que essa semelhança de trajetórias corrobora com esse compartilhamento de cuidados, apesar das limitações, foi/é na família que essas mães jovens encontraram a principal fonte de auxílio.

4. A atuação das avós: colaboração e conflito

É indispensável lembrar que, historicamente, a mãe é considerada a principal responsável pelos cuidados com o filho, mas na prática, essa afirmação não se aplica, principalmente considerando a amostra de mães participantes desta pesquisa. Embora os bebês tenham a mãe como responsável legal, é a avó, que muitas vezes, assume a responsabilidade deste. Porém é fato que, à responsabilidade sobre os filhos ainda parece ser socialmente uma tarefa atribuída unicamente a figuras femininas, seja mãe/avó, babás ou as mulheres da casa. Essa máxima pôde ser confirmada ao longo de nossa pesquisa. Segundo as jovens mães, os cuidados com o/a filho/a foram/são compartilhados com outras mulheres da família, sejam por motivo de inexperiência ou por necessidade de trabalho e/ou escola e para atividades de lazer. Observando essa tendência, se percebe que a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças da sociedade em

relação aos papéis da mulher, mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico e do lar (WAGNER, 2005, p.182).

No que concernem às percepções sobre a criação e cuidados da nova geração, é possível constatar uma presença forte das avós na vida dos netos, em especial as avós maternas, contudo isso não é algo novo no Brasil nem exclusividade das novas gerações (FONSECA, 2002).

As avós, assim como as mães, são incumbidas socialmente do papel de cuidadora, se falando da realidade brasileira, é comum vermos as avós como cuidadoras. Falcão & Salomão (2005; 2006) discorrem sobre a presença fundamental das avós nos cuidados e criação dos netos, inclusive durante a maternidade na adolescência. Esses autores fizeram pesquisa sobre as relações familiares entre mães adolescentes e sua família, bem como investigam a participação dos avós na maternidade adolescente. O estudo de Falcão e Salomão (2005) faz um levantamento sobre pesquisas que tratam da participação dos avós frente à maternidade precoce, segundo eles, esses estudos apontam que, há pelo menos três formas de comportamento que os avós tomam frente a essa gestação: existem avós que assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil; os avós que ficam envergonhados com a gravidez e aqueles que ficam apenas como fonte de apoio.

Os resultados encontrados por nossa pesquisa indicam que as avós tiveram uma das formas de comportamento apresentada pelos autores: assumiram a responsabilidade pelo cuidado do bebê. Houve uma mobilização familiar em torno das jovens a partir da notícia da gravidez, os membros da família passaram a ajudar financeiramente e com os cuidados básicos à recém-mãe. Destacando-se as avós nesse processo de aceitação e cuidados; elas foram apontadas como as mais solícitas e/ou as primeiras a aceitar a gestação.

Na literatura existente, a exemplo de Fonseca (2002) e Barros (1987), mostra uma intensa participação dos avós na educação e nos cuidados com os netos, oscilando entre contribuições consideradas positivas e, em outros casos, uma contribuição entendida como negativa. Essa participação efetiva pode ser observada, inclusive, na circulação das crianças.

Os bebês da nossa pesquisa circulavam entre a casa da avó materna e na casa da avó paterna, numa espécie de divisão de cuidados. A circulação de crianças no espaço familiar é algo recorrente e a casa dos avós são um dos importantes lugares nesse processo de circulação. Falar sobre circulação de crianças não é algo novo, esse tema

tem sido trabalhado por autores Claudia Fonseca (2002), Sarti (1996) e Motta-Marques (2003). Segundo esses estudos, a circulação de crianças é algo comum entre as famílias brasileiras. Motta-Marques (2004) chama a atenção para o fato de que essa circulação de crianças incide com mais evidência, mas não é exclusivamente, em contexto de famílias com baixa renda, tratando-se mais frequentemente de uma situação vivida em grupos populares, que é o caso das famílias retratadas aqui.

O termo cuidar apareceu com frequência em nossos diálogos, especialmente, quando conversávamos sobre as responsabilidades que teriam com o bebê. O significado que elas dão ao cuidar é simples, é ligado ao agora, ao pós-nascimento, refere-se ao cuidado primário, à manutenção básica de higiene e alimentação do bebê.

A necessidade de cuidar do bebê não as assusta. Estar em meio a crianças pequenas é algo comum, elas estão acostumadas, pois já cuidaram de outros bebês pequenos, e isto condiciona que elas não temam as dificuldades do cuidado básico com recém-nascidos. Logo, há uma naturalidade no trato com bebês o que não é fato nas classes médias e altas, onde as crianças/meninas não têm essas experiências de cuidado precoce com bebês de outras mulheres, muitas vezes sua própria mãe. Não há, em primeiro momento, a ideia de cuidado ligado à responsabilidade de educar, de manter financeiramente ou a responsabilidade legal sobre a criança.

Pensar na relação de cuidado existente entre avós e netos, é considerar que além dela ser mediada por uma ligação sanguínea, existe uma tendência construída a partir da necessidade do zelar/ educar a criança. Portanto é importante reconhecer a rede de apoio construída junto à mãe nesse processo de cuidado. O cuidado vindo da avó é dado como certo por elas. A avó foi sempre a primeira a ser citada quando questionávamos sobre quem cuidaria/ficaria com o bebê, o apoio das avós frente à situação da gestação precoce, corriqueiramente era apontado como um fator colaborativo para uma vivência, mas tranquila da maternidade.

Apesar de a situação financeira condicionar que elas, após a gestação e “casamento” continuem morando na casa de suas mães (agora avós), muitas afirmavam querer continuar na casa da mãe, pois nesse ambiente sabiam que poderiam contar com alguém no trato com seus bebês, inclusive, se sentiam mais confiantes em cuidar dos filhos quando a mãe estava por perto, pois essa ensinava e auxiliava os cuidados.

É importante ressaltar que os avôs também aparecem como integrantes dessa rede de auxílio à mãe jovem e ao bebê. Não são todas as meninas que tem contato com seu pai – avô do bebê – e com seu avô, porém, aquelas que têm essa aproximação e

dividem a residência com os mesmos, retratam esse avô, muitas vezes, como figura de referência masculina para elas e seus bebês, como a pessoa que ajuda, principalmente, financeiramente nesse momento.

Para Fonseca, Silva e Otta (2010) é fundamental reconhecer a importância do apoio social para a mãe. Assim, os avós, o pai, os parentes, quando participam, proporcionam uma estrutura mais adequada para que essa mãe possa exercer a função materna, os autores complementam, ainda, afirmando que existem fases delicadas para a mulher e contar com ajuda é de extrema importância, visto que, a gestação e o puerpério são momentos críticos também para o desenvolvimento da criança, pois a mãe está com alterações psicofisiológicas que interferem na relação entre eles.

Apesar de não excluírem a participação de outros atores sociais no processo gestacional e de maternidade, a avó materna estava sempre ligada à figura de apoio principal. Esta presença efetiva da avó materna pôde ser vista desde a gestação, pós-parto e primeiros meses de vida dos bebês, tornando a criação desse bebê algo colaborativo, dividido entre elas.

O cuidar por parte das avós não se direciona apenas ao bebê, mas também a mãe jovem grávida. Para as avós, a gravidez não gerava apenas preocupação e cuidados com o novo membro que estava para chegar à família, mas também impulsionava maiores cuidados para com a menina; logo, a avó passa a cuidar dela (filha) e do bebê e ela (filha), do bebê. Segundo as mães jovens, elas passaram a receber mais atenção, tanto da sua mãe- e avó do bebê-, quanto da sua própria avó, ambas passaram a demonstrar maior preocupação com a alimentação e bem estar da mãe.

A participação dessa avó não se restringia ao espaço doméstico, ela forneceu também apoio psicológico para a mãe. Nas conversas com as jovens mães, as avós apareciam nos contextos de consulta hospitalares, compra de enxoval, compra de remédios e, inclusive, ensinando primeiros socorros.

Percebeu-se a confiança que essas mães jovens tinham em suas mães, quando afirmavam que, para elas, as avós era melhores cuidadoras posto que já passaram pela experiência da maternidade, são mais velhas, cuidaram da casa e delas, assim possuem maior senso de responsabilidade.

Se não fosse mainha acho que teria ficado doida, ela que me ensinou as coisas, eu não sabia de nada né, primeiro filho a pessoa fica perdida (Flora, 18 anos, escrito via Whatsapp).

Ela me apoiou e vem me ajudando. Sinto muito incômodo e ela trás remédio, vai buscar as atividades na escola, minha mãe é tudo pra

mim e sei que vai amar muito o neto (Dandara, 17 anos, escrito via Facebook).

Diante dos relatos, podemos constatar a importância atribuída à participação dessas avós. Em suas falas as mães jovens demonstram reconhecer que a presença de suas mães condiciona aprendizagens sobre amamentar, ninar, cuidar melhor de seus bebês. As avós também cuidam de suas filhas, cuidando da alimentação, do descansar, principalmente no período do puerpério, no momento em que a filha começa a se perceber como mãe também.

Muitas dessas meninas acompanharam a mãe cuidando de outras crianças. Entre essas famílias existem alguns casos onde as avós também têm filhos pequenos, com idade próxima a dos netos, uma das avós, inclusive, ficou grávida durante a pesquisa, ou seja, dividiu com a filha a vivência da gestação. Logo, viram de perto o trato da mãe com crianças pequenas.

Apesar dessa relação de cumplicidade, os desentendimentos e divergências no cuidado e criação dos bebês estavam/estão presentes na relação mãe-filha, o que nos foi confidenciado em algumas conversas. Para as mães jovens, a colaboração e o apoio das avós são imprescindíveis para conseguirem cuidar de forma adequada dos filhos, contudo, há problemas de convivência. Os problemas de convivência, apontados por elas, não se referiam exclusivamente a assuntos relacionados aos bebês, os conflitos atingem outras áreas, desde as atividades domésticas até os relacionamentos amorosos.

Em nossas conversas elas diziam discordar da opinião das mães em assuntos ligados à própria situação da maternidade precoce, sobre as formas de cuidar e educar as crianças, sobre a maneira que deveriam se comportar, agora que são mães, e até sobre a maneira como se relacionavam com os pais dos seus bebês. No trecho abaixo podemos acompanhar relatos desses conflitos.

Com a menina nem tanto, ela cuida melhor que eu até, mas, assim, morar com marido e elas (avó e mãe) é complicado visse, elas se metem muito, pense num inferno. Mainha vive brigando com E. [marido de Zuzu] (Zuzu 17 anos, escrito via Whatsapp).

Em alguns casos, os conflitos chegavam a tomar grandes proporções. No caso de Zuzu, os conflitos entre sua mãe e seu marido eram diários, chegando ao ponto de sua mãe agredir fisicamente seu marido. Zuzu chegou a confessar que queria romper a relação devido a esses problemas familiares, mas a mãe, apesar das brigas diárias com o genro, incentivava a filha a tentar se entender com o “marido”.

O desentendimento com a mãe por motivos não ligados a gestação não era exclusividade da casa de Zuzu. Reclamações desse cunho eram recorrentes no grupo do

Whatsapp e até no Facebook, haviam dias em que elas ficavam apenas debatendo sobre esses acontecimentos. É fato que as redes de sociais online serviam, sobretudo, para troca de apoio, troca de dicas e espaço para desabafo. Durante o período de pesquisa pudemos acompanhar vários relatos de discussão e brigas entre elas e as avós dos bebês, alguns resolvidos com o passar dos dias, outros que resultavam em expulsão de casa e rompimento de relações.

Para entendermos esses desentendimentos no cuidado e no tratar, é preciso lembrar que essas famílias compilam o encontro de três gerações, avós-mães-netos, gerações diferentes que, apesar disso, possuem recortes etários próximos. É difícil comparar gerações, mas quando nos debruçamos sobre perspectivas específicas, como no caso dos cuidados alimentares e higiênicos com os bebês, ficam mais evidentes as diferenças no cuidar. Segundo Qvortrup (2010, p. 638), precisamos atentar para o fato de que “as relações entre gerações não assumem necessariamente a forma de conflitos ou divisões; elas podem simplesmente ser consideradas como diferenças ou, na realidade, como interesses em comum.”.

As diferenças entre as gerações se acentuam em situações de mudança social, inclusive quando se trata de educação e saúde. As relações familiares, o consumo, as formas de comportamento, os valores, etc. mudam cada vez mais rápido. O que talvez não ocorra é a mudança, na mesma velocidade, das tradições e costumes do cuidar e da forma de enxergar crianças e bebês. Nas últimas décadas, as ciências da saúde avançaram quanto aos estudos sobre o desenvolvimento infantil e cuidados com os recém-nascidos, logo, novas recomendações médicas foram/são sendo propagadas. Acompanhamos, por exemplo, relatos das mães jovens sobre as dificuldades de seguir recomendações médicas, instruções relacionadas ao uso de medicamentos e, principalmente, quanto à alimentação dos bebês. Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendar o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida do recém-nascido, a resistência das avós acabava influenciando a decisão das filhas em não alimentar os bebês exclusivamente com leite materno; a maioria passava a dar chás, sucos e até mingau aos bebês antes dos 06 meses de vida.

Essas jovens mães se encontram em uma situação ambígua, divididas entre os benefícios de ter a ajuda da mãe e os problemas de viver com o filho na casa dos pais. Três das informantes, ainda no período de gestação, acreditavam que a gravidez lhes traria um status de adulta, independente, responsável. Ao permanecerem na casa dos pais, dependentes financeiramente e legalmente, submetidas as suas regras e obrigadas a

respeitar uma hierarquia doméstica, perceberam que a maternidade não as concedeu independência, tampouco a liberdade desejada.

Entre as situações de colaboração e de conflito é importante destacar também que, a partir dos relatos das mães, observa-se que as avós têm intenção de ajudar e cuidar da filha nessa fase, o cuidar do neto/a é uma consequência disso, uma forma de amenizar o trabalho da filha. Percebemos que se responsabilizar pelo neto é o mesmo que se responsabilizar por um ato cometido pela filha – o de engravidar cedo –, já que elas, portanto, não têm segundo suas mães, plenas condições financeiras e psicológicas de se responsabilizar pela criança. Ao que parece, é como se, para essas avós, elas tivessem falhado como mães, é como se não tivessem conseguido conduzir a filha por uma trajetória que é socialmente aceitável: estudar, trabalhar, casar e só então, ter filhos.

5. Considerações Finais

A mãe da jovem e recente mãe, avó do bebê, é a principal figura apresentada como recurso e auxílio dos cuidados com o nascituro. Ainda que apareçam as tias, irmãs e até o genitor e o avô é, a avó materna, principalmente, aquela mais citada como pessoa que “sabe cuidar” que “vai ajudar a tomar conta”, aquela com a qual as jovens mães dividem a responsabilidade do cuidar e depositam nesta a confiança de cuidar bem do bebê.

É importante destacar o “dividir o cuidado” posto que, apesar de suas mães (avós) tomarem conta dos seus filhos- provendo em todos os sentidos-, elas se consideram igualmente responsáveis pelo recém-nascido, consideram que existe uma divisão igualitária entre as responsabilidades delas e das avós. As mães jovens acreditam que não deixam de “ser mães” dos bebês, se veem como as verdadeiras mães, embora muitas vezes seja a avó que passa mais tempo com o bebê e que assume as responsabilidades sociais e econômicas dos netos.

Dentro do grupo estudado a responsabilidade pela saúde, comprando remédios e levando ao médico e/a educação das crianças é quase que exclusivamente dos avós, posto que nem as mães nem os pais possuem renda que possa subsidiar despesas dessas e de outras naturezas. Essa organização do cuidado pode ser vista de um lado como transferência parcial de cuidado, a mãe transfere as responsabilidades que não pode arcar – por motivos financeiros – para avó ou, por outro lado, a avó movida por um sentimento de responsabilidade, se vê igualmente responsável pela criança e decide assumir os cuidados para com o bebê.

Desta forma, podemos acompanhar como a participação da família, em especial a avó materna, é importante para essa mãe jovem frente à situação da maternidade precoce. Essas jovens mães contam com o apoio de suas mães e avós na criação dos recém chegados filhos, este apoio não é apenas físico, para dividir as tarefas e responsabilidades, mas também um apoio financeiro e psicológico. É possível que sem esse apoio, essas mães jovens sofressem ainda mais com os impactos trazidos por uma gravidez nesta fase da vida. A ajuda da avó e da família corrobora, até certo ponto, para que elas possam se readaptar a vida adolescente mesmo depois da gestação. É possível que essa rede de ajuda seja o que poderá incentivar essa jovem a voltar à escola, a buscar formação profissional, a dar continuidade a sua trajetória, sem encarar a gravidez precoce como algo que anulou suas chances de crescimento pessoal e profissional. Esses questionamentos alimentam o interesse de investigar as mães jovens que não contaram com a participação das avós, quem sabe possamos fazer tal aprofundamento investigativo em trabalhos futuros.

Concluimos que, apesar das muitas mudanças na configuração familiar e no papel da mulher, o cuidado com os bebês ainda continua sendo uma tarefa majoritariamente feminina, a tarefa de cuidar das crianças da casa permanece sendo das mulheres da casa. A mulher, seja ela a mãe ou tenha qualquer outra ligação com as crianças, é vista como aquela que deve zelar, educar, cuidar e se responsabilizar pelas crianças pequenas da família.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In. ABRAMOVAY, Miriam (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

ALDERSON, Priscilla. Crianças como Investigadoras: Os efeitos dos direitos de participação na metodologia de investigação. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. **Investigação com Crianças: perspectivas e práticas**. Ed: Escola Superior Paula Frassinetti, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP. Papius, 1996.

_____. **Esboço de uma teoria a prática.** In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

CAVALCANTE, Mohana Ellen Brito Morais. **Mãe – bebê – avó: Dilemas geracionais da maternidade na adolescência.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância.** Tradução Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DINIZ, Debora. Research ethics in social sciences: new challenges. *Ciênc. Saúde coletiva [online]*. 2008, vol.13, n.2, pp.417-426. ISSN 1413123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000200017>.

EIZIRIK, Cláudio Laks. **Ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 205-212, abr./jun. 2005.

FONSECA, C. Ser mulher, mãe e pobre. In: Del Priore, M. (Ed.), **História das mulheres do Brasil** (pp.510-533). São Paulo: Contexto. 1997.

_____. **Mãe é uma só?** Reflexões em torno de casos brasileiros. *Psicologia USP*, 13, 49-68. 2002.

-----A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. **Revista de Estudos Feministas**, 12, 2, 13-34. 2004.

-----Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 50-59, maio-ago. 2005.

_____. **Paternidade brasileira na era do DNA: A certeza que pariu a dúvida.** *Cuadernos de Antropologia Social*, 22. 2005.

_____. “O anonimato e o texto etnográfico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’”. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam S.; PETERS, Roberta (orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo.** Porto Alegre: Ed. UFRGS. p. 205-226. 2010.

FONSECA, V.R.J.R.M.; SILVA, G.A.; OTTA, E. Relação entre depressão pós-parto e disponibilidade emocional materna. **Cad. Saúde Pública**, v.26, n.4, 2010.

FRANCH, Mónica, et.al. **Ajuste estrutural, pobreza e desigualdades de gênero: um caderno feminista de informação e reflexão para organizações de mulheres.** Recife, SOS Corpo, 2001.

GARCIA, Loreley. Vestígios do véu na sociedade secularizada: a criminalização do aborto. **Revista Ártemis**, vol. 12, Dez 2011, p. 24-38.

GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, 2009.

_____. **Tudo começa além da vida**: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África. Trad. Mara Sobreira. São Paulo: Fap-Unifesp, 2012. 536p.

HEILBORN, M. L. "Gravidez na Adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social" In VIEIRA, Elisabeth M., FERNANDES, Maria Eugenia L., BAILEY, Patrícia e McKAY, Arlene. (orgs.). **Seminário Gravidez na Adolescência, Saúde do Adolescente** - Ministério da Saúde, Projeto de Estudos da Mulher/Family Health International, Associação Saúde da Família. Rio de Janeiro, 1998, p. 23-32.

JENKS, Cris. Constituindo a criança. JENKS, Chris. **Revista Educação Sociedade e Culturas**, nº 17, p. 185-216, 2002. Disponível em <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-arquivo.pdf>. Acesso em 20/11/2016.

LONGHI, Márcia. **Ser homem, pobre e pai**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

MANNHEIM, K. 1993. "El problema de lãs generaciones", *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n. 62, pp. 145-168 ["Das Problem der Generation", in *Wissenssoziologie. AuswahlausdemWerk*, hg. von Kurt H. Wolff, Neuwied/Berlin: Luchterhand, 1964, pp. 509-565; "The Problem of Generations", in *Essays on the sociology of knowledge*, edited by P. Kecskemeti, Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1952, pp. 251-273] [1928]

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista Antropologia**. vol.50 no.1 São Paulo Jan./June 2007.

_____. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. **Cadernos de Campo** (USP), v. 17, 2008.

_____. **Quem tem medo do mal assombro? Religião e infância no semiárido nordestino**. Rio de Janeiro: E-papers; João Pessoa: UFPB, 2011.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução de Fatima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v.4, n.141, p. 729-750, set./dez.2010.

QVORTRUP, Jeans. **A infância enquanto categoria estrutural**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.2, 2010._____. **Visibilidades das crianças e da infância**. Tradução de Bruna Breda. Revisão técnica de Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 23-42, jan./abr. 2014.

RICHARDSON, Roberto Sarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985-1999.

SARTI, C. A. **A família como ordem simbólica**. Psicologia USP, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

